



KIORIDIS, Ioannis; SANTOS, Simão Pedro dos. Apresentação. In: **Revista Épicas**. Ano 4, Número Especial 3, Nov 2020, p. 4-8. ISSN 2527-080X. DOI: <https://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2020vE3>.

APRESENTAÇÃO

Em mais uma edição especial, a *Revista Épicas* traz ao leitores os verbetes que passaram a integrar o “Mapeamento de obras épicas” (www.cimeep.com/mapeamento) em 2020. São, no total 43 verbetes, organizados de acordo com o subgênero ao qual cada um pertence e assinados por pesquisadores brasileiros e estrangeiros em diferentes etapas de sua trajetória acadêmica: doutores, mestres, estudantes de Doutorado e Mestrado, estudantes de graduação envolvidos em pesquisa de Iniciação científica. Nesses verbetes estão representadas produções épicas, nos diferentes subgêneros, dos seguintes países: Bolívia, Brasil, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Índia, Itália, Japão, Letônia, além das da República da Mordóvia (Rússia); dos povos Nanai, residentes entre a Sibéria e o norte da China; do povo de etnia Setu, que habita a fronteira entre a Estônia e a Rússia; e das produções épicas bizantina, grega e latina.

Na seção **Cinema épico**, Igor Gonçalves Miranda nos traz *Fantaghirò*, de 1991, filme de Lamberto Bava, que teve por base uma fábula de Ítalo Calvino, de 1956. Segundo Gonçalves Miranda, “há variantes da mesma fábula na literatura oral e escrita no Brasil, na Espanha e em Portugal, cujos títulos genéricos são, entre outros, *A donzela que vai à guerra* ou *A donzela guerreira*”. Fernando de Mendonça apresenta, por sua

vez, três verbetes: *Ran*, um filme de 1985, do diretor japonês Akira Kurosawa; o grego *Taxidi sta Kythira*, de 1984, do diretor Theo Angelopoulos, que “se destaca por ser um dos maiores atualizadores das matrizes épicas clássicas de sua nação”; e *Jeanne La Pucelle*, de 1994, filme épico francês sobre Joana D’Arc dirigido por Jacques Rivette. De acordo com Mendonça, “nesta produção fílmica de natureza épica, a personagem foi mais profundamente desenvolvida”.

Em **Cordel épico**, Rosângela Trajano assina sete verbetes, apresentando: *A saga da liberdade, o grito da cor negra*, de 2015, cordel épico de Mané Beradeiro; *Che Guevara*, de 2017, do poeta Medeiros Braga; *Che Guevara: nas trilhas da liberdade*, de Lucarocas, publicado em 2010; *Helena de Tróia e o cavalo misterioso*, de Antonio Klévisson Viana, lançado em 2000; *Jararaca, o cangaceiro santo*, de Costa Senna, de 2013; *Viva São Sebastião!... O padroeiro da Pipa*, com lançamento em 2015, de Tonha Mota; e *Simón Bolívar, o libertador da América*, de Jorge Furtado, do ano de 2010. Edmilson Nunes Brandão nos traz *A batalha de Oliveiros com Ferrabraz* (1909, 1913, 1920), obra de Leandro Gomes de Barros, o pai do cordel brasileiro. Allana Santana Souza descreve *História de Dimas, o bom ladrão*, cordel de Francisco das Chagas Batista, contemporâneo de Leandro Gomes de Barros, e *O misterioso atentado ao bispo de Cajazeiras*, de 2015, de autoria do professor Janduhi Dantas Nóbrega. Claudia Emylly Silva Barreto traz estudo sobre *Antônio Conselheiro na villa de Itabaiana*, lançado em 2015, do jornalista e professor do estado de Sergipe Robério Santos. Souza e Barreto, juntas, assinam ainda o verbete sobre *Viagem aos 80 Anos da Revolta de Princesa*, também de Janduhi Dantas Nóbrega, texto de 2011. De acordo com as autoras, “O cordel rememora fatos históricos importantes do estado da Paraíba ao narrar as revoluções em torno de rivalidades políticas que repercutiram em nível nacional”. Já Ítalo de Melo Ramalho estuda *O massacre de Canudos*, cordel escrito pelo baiano Varneck Nascimento e publicado pela Editora Luzeiro em 2006. E *Dragão do Mar: herói da terra da luz*, de Klévisson Viana, é um cordel de 2010 apresentado por Christina Ramalho, segundo a qual, “a matéria épica centra-se no herói Francisco José do Nascimento (1839-1914), jangadeiro abolicionista, que, por seus feitos no mar, fechando o porto de Fortaleza para impedir embarque o de escravos que seriam vendidos por fazendeiros endividados, recebeu o apelido de ‘Dragão do Mar’”. Destaca-se que a maioria das contribuições dessa seção vincula-se ao projeto de Iniciação

Científica da Universidade Federal de Sergipe intitulado “Mapeamento de folhetos de cordel épicos”, dirigido pela professora Dra. Christina Ramalho.

A seção **Epopéia/Poema épico** está composta por 16 verbetes. Ioannis Kioridis nos apresenta uma introdução sobre a poesia épica bizantina, para, em seguida, trazer ao conhecimento diferentes manuscritos de *Diyenís Akritis: o Texto de Trebizonda (T)* (1868); o *Texto de Andros (A)* (1878); o *Texto de Oxford (O)* (1670); o *Texto de Grottaferrata (G)* (séc. XIII/XIV) e o *Texto de El Escorial (E)* (séc. XV). Além disso, descreve *Tou Αρμούρη (El cantar de Armuris)* (1877) e *Τραγούδι του Υιού του Ανδρονίκου (El Cantar del hijo de Andrónico)* (1859). Segundo Kioridis, “Todas essas obras refletem um tempo heroico de luta e coexistência do mundo grego cristão e do mundo árabe muçulmano nas fronteiras do Império Bizantino (na Ásia Menor, Síria e às margens do rio Eufrates)”. Marcos Martinho apresenta *Argonáuticas*, epopeia grega que rememora “a glória dos heróis que navegaram na nau Argo até o velo de ouro”. Já Luís Manuel Gaspar Cerqueira nos traz *A Guerra Civil (Farsália)*, de Lucano, “a segunda grande épica latina, depois da *Eneida*”. *Goyania* é uma epopeia de Manuel Lopes de Carvalho, publicada em 1896 na cidade do Porto. Segundo Luana Santana, autora do verbete, *Goyania* “Narra os conflitos estabelecidos com a chegada e a instalação de Bartolomeu Bueno da Silva às terras goianas e as lutas contra os indígenas que viviam lá, envolvendo aspectos míticos”. Christina Ramalho nos apresenta *Los Reinos Dorados*, epopeia do boliviano Homero Carvalho, publicada em 2007, que representa, nesta edição, um poema épico pós-moderno. A obra resgata, no contexto da cultura boliviana e sulamericana, “a imagem mítica dos Reinos Dourados”. Anna Beatriz Paula nos traz a epopeia indiana *Savitri: uma lenda e um símbolo* (1940), por Paula identificada como a “obra prima de Sri Aurobindo (1872-1950)”, carregada de simbolismo védico. Por fim, Victor Hugo Sampaio Alves traz ao nosso conhecimento as epopeias *Kalevala* (séc. XIX), *Kalevipoeg* (séc. XIX), *Lāčplēsis* (1872-1887) e *Mastorava* (1994), colocando-nos, através delas, em contato com expressões épicas, respectivamente, da Finlândia, da Estônia, da Letônia e da Mordóvia, o que, sem dúvida, amplia a visão sobre a importância do gênero em diferentes partes do mundo.

Na seção **Epopéia adaptada para crianças e jovens**, encontramos informações sobre a adaptação para a língua portuguesa, por Roberto Lacerda, em 2008, da *Odisseia*, de Homero. Para crianças e jovens, o texto é uma edição da Scipione para a Coleção

Reencontro e se resume a “27 capítulos curtos, com títulos próprios”, de acordo com a autora do verbete, Christina Ramalho.

Em **Epopeia oral**, encontramos três contribuições de Victor Hugo Sampaio Alves, que descreve a epopeia de tradição oral *Kasa taori*, “de conteúdo xamanístico pertencente aos povos Nanai, habitantes indígenas da família linguística tungúsica que habitam a Sibéria e o norte da China”; *Peko*, “poema épico da etnia Setu, povo de origem fino-úgrica que habita a fronteira entre a Estônia e a Rússia”; e Oina e Yukar “nomes dados aos dois tipos de tradições épicas orais presentes entre os povos Ainu”, que “são povos indígenas nativos das regiões de Hokkaidō e nordeste de Honshū, no Japão, e dos territórios russos de Sakhalin, Ilhas Kuril, Khabarovsk Krai e Península de Kamchatka”.

Na seção **Narrativa épica/Saga épica**, encontraremos *Diyenís Akritis*, texto de Andros-Tesalónica (P), também uma versão, agora em prosa, do século XVII, da epopeia *Diyenís Akritis*. Segundo Ioannis Kioridis, “A linguagem é popular com uma tensão de simplificação do modelo que seria um manuscrito relacionado ao T”.

Na seção **Obras híbridas**, “A verdade te libertará” (2020) é o título do argumento do desfile 2020 da escola de samba carioca “Estação Primeira de Mangueira”, associação carnavalesca fundada em 1928. Christina Ramalho explica o título da associação e as cores dos seus símbolos e a seguir faz referência detalhada às suas atividades relacionadas com o carnaval, com especial destaque para a de 2020, que tem a ver com a biografia de Jesus Cristo adaptada à contemporaneidade a partir do proposta de uma reinterpretação de sua imagem mística e mítica que projeta seu “renascimento” no Morro da Mangueira. Alexandra dos Santos Bispo, por sua vez, apresenta o poema épico-lírico *Fim de um juízo* (1986), de Leda Miranda Hühne. Bispo refere-se à extensão da obra, suas formas métricas e estrofes, o eu lírico/narrador e suas reflexões sobre a arbitrariedade do poder na sociedade. A matéria épica da obra é a ditadura militar, ampliada, em termos simbólicos, por recursos metafóricos. Antonio Marcos dos Santos Trindade traz informações sobre o livro *O Folclore em Sergipe, I: Romanceiro*, também conhecido como *Romanceiro Sergipano* (1977). É uma coleção, feita pelo folclorista Jackson da Silva Lima (1937), de romances tradicionais, poemas cantados populares, da Península Ibérica, de natureza híbrida, apresentando, ao mesmo tempo, características dos gêneros épico, lírico e dramático.

Finalmente, em **Teatro épico**, temos *Auto do frade*, de 1984, do pernambucano João Cabral de Melo Neto, peça que apresenta uma variada gama de vozes em torno da vida política e dos ideais revolucionários de frei Caneca, um carmelita pernambucano que viveu dois importantes ideais do século XIX, no Brasil, a saber, a Revolução Pernambucana e a Confederação do Equador, de 1817 e 1824, respectivamente. Morto por fuzilamento em 1825, Frei Caneca integra a galeria dos heróis do estado de Pernambuco. Para Ramalho, “foi justamente o episódio de sua morte que o projetou no plano maravilhoso, convertendo-o em um herói épico relacionado às imagens míticas redentoras dos mártires”.

A *Revista Épicas*, nesta edição, oferece importante material para professores, pesquisadores e leitores que, porventura, tenham interesse em autores e obras de natureza épica das mais diversas nacionalidades. Boa leitura. Boa viagem!

Ioannis Kioridis
(Hellenic Open University - Universidad de Belgrado)

Simão Pedro dos Santos
(Universidade de Pernambuco - UPE)